

A DEVOÇÃO QUE NOS LEVA A DEUS

21-11-1979

Por Swami Paratparananda

Muitos aspirantes à vida espiritual de todas as partes do mundo se queixam que Deus não escuta às suas orações, e que apesar de tê-Lo suplicado durante anos Ele não Se revelou. Há algo verdadeiro nesta queixa que se ouve frequentemente? Todas as Encarnações Divinas afirmam que Deus outorga tudo que se Lhe pede; por exemplo, Sri Krishna disse, no Bhagavad Gita: "Fixa tua mente em Mim (no Senhor), sê Meu devoto, oferece-Me todo teu sacrifício e saúda-Me; dessa forma, tendo a Mim como tua Meta Suprema, chegarás a Mim." O Senhor Jesus afirma: "Pedi e vos será dado; buscai e achareis; chamai e abrir-se-vos-á. Porque qualquer que peça, recebe; e o que busca, achará; e ao que chama, se abrirá." Ele também assegura: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei"¹. Quando perguntaram a Sri Ramakrishna se Deus escuta nossas preces, ele respondeu: "Deus é o *Kalpatarú*, a Árvore que realiza os desejos. Seguramente você receberá o que pede a Ele. Mas você deve pedir de pé perto dessa Árvore. Somente então se cumprirá seu pedido. Você deve recordar de outra coisa: Deus conhece nossos sentimentos íntimos. Um homem consegue satisfazer o desejo que abriga durante as suas práticas espirituais. Recebe-se de acordo com o que se pensa."

Estes grandes mestres não tinham nenhum motivo para falar assim se não fosse certo, se não fosse verdade. Além disso, ensinavam por amor à humanidade e falavam a partir da própria experiência. Estou certo de que os aspirantes aos quais nos referimos no princípio dessa palestra conhecem estas afirmações; então, o que nos impede de alcançar Deus? Que tipo de devoção pode nos levar a Deus? Nas palavras já citadas de Sri Ramakrishna encontramos um indício de como devemos rezar a Deus. Em sua maioria, os aspirantes que tentam praticar suas disciplinas espirituais o fazem com suas mentes vagando por toda parte, sem fixar o pensamento no Senhor, mas nas coisas deste mundo. O apego que se desenvolveu pelas coisas daqui é tão forte que ocupa quase toda a mente. Para explicar isto, Sri Ramakrishna relatou uma parábola: "Um mago estava fazendo demonstração de seus truques a um rei. De vez em quando ele exclamava 'Vem confusão! Vem ilusão! Oh Rei, dá-me dinheiro, dá-me roupa!' De repente sua língua deu uma volta e se pregou no céu da boca. O mago experimentou *kumbhaka* (retenção da respiração). Não pôde articular nem uma palavra ou som e ficou sentado, imóvel. Acreditando que havia morrido, construíram uma cripta de ladrilhos e o enterraram nessa postura. Depois de mil anos, quando

¹ Mt 11:28

alguém abriu a cripta, deram-se com um homem sentado em *samadhi*. Pensaram que fosse um santo e o adoraram. Quando o moveram, sua língua se despregou do céu da boca e voltou à posição normal. O mago, ao tornar-se consciente do mundo exterior, gritou como fez mil anos atrás: 'Vem confusão! Vem ilusão! Oh Rei, dá-me dinheiro, dá-me roupa!'. Tal é a força do apego às coisas do mundo que, mesmo depois de anos tentando nos afastar delas, elas nos mantêm presos e sempre voltam a interferir em nossas orações. Nosso pensamento retorna uma e outra vez impetuosamente ao mundo material, até durante as orações, por causa desse apego.

Podemos dividir os aspirantes em quatro tipos, de acordo com o motivo porque se aproximam de Deus: os aflitos, os que buscam conhecimento, os que desejam riqueza ou outro prazer e os sábios. Sri Krishna disse que todos eles são pessoas de bons méritos, mas que o sábio, sempre firme e dedicado ao Senhor, é quem se sobressai: "pois", acrescenta Sri Krishna, "Eu sou supremamente querido por ele e ele é querido por Mim."

Porque o sábio não adora ao Senhor para conseguir algo d'Ele, mas o faz porque sabe que o Senhor é seu próprio Ser interno e que todas as outras coisas são transitórias, fugazes, e somente traz transtornos e perturbações. A maioria dos aspirantes pertence às primeiras três categorias acima mencionadas: rezam a Deus para que cure suas enfermidades, lhes dê boa saúde, filhos compreensivos, riqueza em abundância e coisas desse tipo.

Existem outros que querem conhecer a natureza de Deus. Em qualquer desses casos, quando não se consegue o que buscam (uma recompensa imediata), então começam a se queixar ou abandonam o caminho. Com que entusiasmo começam! Dizem que não querem nada além de chegar a Deus, que não lhes interessa nenhuma outra coisa. Sem dúvida, quando não encontram formas de avançar, pois suas próprias mentes se tornam um grande obstáculo no caminho, exigindo a satisfação de seus desejos até então ocultos, abandonam completamente seus esforços e voltam às suas vidas anteriores e talvez mergulhem mais fundo no mundo material.

As escrituras hindus sobre *bhakti* (devoção) falam de dois tipos de devoção, a *vaidhī bhakti*, ou a prática da devoção segundo os mandamentos, e o *prema bhakti*, o amor espontâneo e extático por Deus. O principiante desse caminho deve seguir os mandamentos: repetir certo número de vezes o *mantram*, ou fórmula sagrada do nome de Deus, jejuar algumas vezes por mês, cantar as glórias do Senhor e praticar outras disciplinas espirituais para tentar manter sua mente n'Ele. À medida que segue o caminho, sua atração pelo Senhor vai aumentando, se estiver cumprindo os mandamentos da maneira devida. Sem dúvida, isto não acontece se o aspirante tem um forte apego ao mundo material e é movido facilmente pelas paixões. Estas são como o lastro para o globo; se há muitos lastros o globo não pode ser remontado no céu, pois ficará

flutuando numa determinada altura. É isto que acontece com muitos seguidores do caminho espiritual: quando decai o entusiasmo que sentiam no início, diminui a concentração e também os esforços para chegar à meta. De outro lado, surgem desejos de renome, fama e comodidades como recompensa pelas poucas austeridades ou dedicação que fizeram.

Sri Ramakrishna disse repetidas vezes aos seus ouvintes: "Acaso vocês podem conseguir as pérolas que se encontram no fundo do mar, flutuando simplesmente sobre a superfície das águas?". Também costumava entoar uma canção que expressa esse sentimento. A citaremos aqui:

*Mergulhe fundo, ó mente, levando o nome de Kali,
Nas águas do oceano do coração,
Onde estão escondidas muitas pedras preciosas.
Jamais acredite que o fundo do oceano carece das gemas
Se seus primeiros mergulhos forem infrutíferos;
Com firme determinação e autodomínio
Mergulhe e abra caminho para o reino da Mãe Kali.
Ali embaixo, nas profundezas do oceano de Sabedoria Celestial,
Estão as pérolas maravilhosas da Paz, ó mente;
E você mesma pode recolhê-las,
Se tiver somente amor puro e obedecer às escrituras.
Nas águas profundas do oceano, também
Espreitam seis crocodilos - luxúria, a ira e as outras paixões -
Movendo-se sempre em busca de sua presa.*

*Unte-se com a cúrcuma do discernimento
Seu simples odor lhe resguardará de suas mandíbulas.
No leito do oceano estão espalhadas
Incontáveis pérolas e pedras preciosas;
Mergulhe, disse Ramprasad, e recolha-as a mãos cheias.*

Nessa canção estão descritos os requisitos para se chegar a Deus: primeiro ensina que devemos retirar a mente dos objetos exteriores e dirigi-la para dentro, levando o nome de Deus. Porque tudo que buscamos no exterior – felicidade, paz e tranquilidade - está dentro e não do lado de fora. No exterior tudo é torvelinho, redemoinho, conflitos, querelas e mal-entendidos. Como podemos esperar que o mundo se modifique?

Portanto, os sábios espirituais ensinam que devemos ir para dentro. A segunda lição é que nunca devemos esperar resultados imediatos, nem nos desesperar por causa dos primeiros fracassos em nossas tentativas de alcançar um estado de estabilidade ou concentração, mas que com firme determinação, e controlando todos os sentidos, devemos persistir

nos esforços até chegar à meta, a Deus. A Paz não pode ser alcançada no exterior, mas em si mesmo. Ninguém pode consegui-la para nós senão nós mesmos, ao cumprir os mandamentos das escrituras e obter o amor puro pelo Senhor. O poeta está consciente da existência das paixões, as quais compara com os crocodilos famintos, e para enfrentá-las recomenda cultivar o discernimento. Sem discernimento, mesmo uma pessoa que segue o caminho da devoção não pode avançar, porque o discernimento atua como um vigilante que impede que as paixões lhe causem prejuízo. As pérolas maravilhosas que alguém pode recolher são a bem-aventurada visão de Deus e resultantes paz, tranqüilidade e equanimidade. Esta é a devoção que pode nos levar a Deus: uma devoção firme, guiada pelo discernimento e pela renúncia. Não devemos nos assustar ao ouvir a palavra "renúncia". Sabemos que a renúncia total não é possível para todos, mas para se alcançar Deus é preciso renunciar pelo menos internamente, quer dizer, desapegar-se de todas as coisas materiais. Porque como disse o Senhor Jesus Cristo, não podemos servir a dois senhores, a Deus e a Mammón.

Como dissemos no início desta palestra, os objetos do mundo têm uma atração irresistível para o ser humano, e quem cai em sua rede raríssimas vezes consegue sair dela, e a menos que escape dali, não será possível chegar a Deus. Na canção que acabamos de citar é mencionado o amor puro. O que significa isso? No mundo, ou o amor quase sempre é egoísta ou está sujeito à reciprocidade. O amor motivado, seja qual for, é condicionado pelas circunstâncias, situações e coisas do tipo. Bem raras vezes se encontra pessoas cujo amor pelos outros não tenha algum interesse pessoal. O amor puro é aquele que não exige nenhuma retribuição, mais ainda, não espera nenhuma recompensa, e flui sempre da mesma forma para o objeto do amor sob quaisquer condições. Não se dirige esse amor para Deus com a esperança de coisa alguma. A pessoa que o possui ama a Deus porque sente que o Senhor é seu único parente e amigo íntimo. Está disposta a servi-Lo de todas as maneiras possíveis, e sente-se feliz ao fazê-lo.

Sri Ramakrishna certa vez disse: "Pode-se falar das escrituras, da filosofia, da Vedanta; mas não se encontrará Deus em nenhum deles. Jamais será possível alcançar a Deus, a menos que sua alma se inquiete por Ele. Deve-se estar ansioso por Deus, e praticar disciplinas espirituais com intensidade. Acaso é possível obter a visão de Deus de repente, sem nenhum preparativo?" O preparativo consiste em levar a cabo as indicações das escrituras, pôr em prática o que elas ensinam e tentar desenvolver o anelo por Deus. Sem esse anelo, ninguém pode alcançá-Lo.

As escrituras hindus também mencionam cinco graus de devoção ou atitudes com as quais o aspirante pode se aproximar de Deus; a saber, *shanta*, pacífica, na qual o devoto segue suas práticas firmemente, considerando a Deus como Pai ou Mãe, mas não com muita ansiedade por alcançá-Lo. A maioria dos verdadeiros buscadores é dessa classe. Depois vem *dasia*, a atitude do servidor; é muito mais forte que a anterior; o

devoto tenta agradar ao Senhor de toda maneira, e está sempre alerta para praticar os ensinamentos das escrituras. Depois vem a atitude de *sakhia*, de amizade, o amor de um amigo por outro; nesta e nas seguintes formas de devoção o devoto não presta muita atenção às glórias de Deus, pois estas não têm importância para ele, já que não busca nada do Senhor, anela somente vê-Lo e estar em comunhão íntima com Ele. O próximo grau mais elevado é o da atitude de *vátsalia*, a de uma mãe para com seu filho; esse devoto considera a Deus como um filho, que necessita de seu cuidado; muitas mulheres na Índia têm esta atitude para seu Ideal.

Finalmente está a atitude de *madhur*, a de uma amante para seu amado; esta atitude abarca todas as anteriores, e o devoto nunca pensa em seu próprio conforto, mas está sempre disposto a servir ao Ideal durante todo tempo. Mas esta última é muito difícil de praticar e não é para todos ou qualquer um. Somente as Encarnações Divinas podem suportar a angústia da separação de Deus que é sentida quando se pratica esta atitude. Além disso, a pessoa que quer praticá-la deve ter uma mente despojada de todas as paixões, não deve ter nenhum vestígio de desejos mundanos. Todas estas atitudes levam o buscador a Deus quando são cumpridas sem nenhum desejo de gozar aqui ou no além.

Lamentavelmente a maioria dos que recorrem à vida religiosa se restringe à letra das escrituras e não se esforça para seguir o seu espírito; celebram as festas, frequentam os templos com regularidade, fazem um pouco de caridade e talvez uma ou outra, entre elas, procure dedicar alguns momentos de sua vida diária à oração. Também pode ser que levem uma vida moral e bem disciplinada, mas pensam que não há mais nada a se fazer para chegar ao Senhor. Deus não pode ser alcançado através deste tipo de devoção. Às vezes as pessoas, estando equivocadas acerca dos valores das coisas, usam o impedimento na vida espiritual como ajuda. Há uma história sobre Guru Govinda Singh, um dos grandes líderes espirituais dos *Sikhs* da Índia, e um rico discípulo seu, que ilustra isso. "Certa vez Guru Govinda Singh estava sentado rezando à margem do Yamuná. Era à hora do crepúsculo, quando chegou Raghunath, um rico discípulo, que o saudou prostrando-se e disse: 'Senhor, peço-lhe que aceite este pequeno presente como uma lembrança do meu carinho.' Feito isso, colocou perto dos pés do mestre dois braceletes de ouro incrustados com pedras preciosas. O Guru aceitou as joias e para poder mostrar sua alegria, começou a brincar com um dos braceletes, atirando-o ao ar e apanhando-o nas palmas de suas mãos. De repente ele deixou que deslizasse de sua mão e caísse no rio.

"O discípulo encarou isso como um acidente lamentável, e saltou no rio para recuperá-lo. Continuou buscando-o até que o mestre, sem mostrar mais interesse pelo assunto, absorveu-se em meditação. Várias horas depois, Raghunath retornou frustrado de sua busca, com uma face triste. Disse: 'Mestre, lamento muito, não tive êxito até agora para encontrar a joia, mas no entanto, talvez eu possa encontrá-la se o senhor

me indicar o lugar exato onde ela caiu caiu.’

“Sabendo exatamente o que se passava na mente do discípulo, o Guru pegou o outro bracelete e o atirou ao rio dizendo: ‘Raghunath, foi exatamente ali.’

“O discípulo ficou estupefato e confuso ao ver essa ação deliberada do mestre. Não conseguia entender o que o Guru queria ensinar ao atirar também essa segunda joia. Depois de alguns instantes o mestre se levantou de seu assento e abraçando o discípulo disse: ‘Raghunath, eu me livrei dos braceletes de propósito. Percebi como sua mente estava apegada a eles e isto gerava uma barreira entre você e eu. Abandone sua vaidade de riqueza.’

“O discípulo reconheceu o seu erro, prostrou-se diante dos pés do mestre e desde aquele momento mudou completamente.”

Da mesma maneira, mantemos com muita tenacidade barreiras como esta entre nós e Deus, e depois nos queixamos de que Ele é quem não Se revela. São muitas as barreiras: vaidade de riqueza, de posição, de religiosidade, de santidade, das paixões, apegos e coisas desse tipo. Cada uma é como uma montanha muito difícil de cruzar se não anelamos por Deus. Esse anelo nos fortalece a tal ponto que podemos fazer o impossível. Ao contrário, se nos contentamos com um pouco de oração diária, nossa recompensa também será da mesma equivalência: teremos nome e fama de homens piedosos, bons ou simpáticos aqui na terra, mas não alcançaremos Deus. Sri Ramakrishna costumava aconselhar aos seus discípulos: “Diz-se que é possível ver a Deus dirigindo a Ele a intensidade reunida dessas três atrações: a atração que uma mãe sente por seu filho, a que uma fiel esposa sente por seu esposo e a que tem um homem mundano por seus bens materiais.” Perguntemo-nos se possuímos este anelo por Deus, se não o possuímos não temos direito de nos queixar. Mas essas lágrimas não devem ser derramadas para ganhar o reconhecimento das pessoas; devem surgir espontaneamente, não para demonstração, nem para fazer uma exibição de santidade, mas pela agonia que se sente pela separação de Deus. A ansiedade que devemos sentir para alcançar a Deus é ilustrada na seguinte parábola: “Um discípulo visitava seu mestre e lhe pedia que lhe dissesse como ele poderia ver a Deus. O mestre não lhe respondeu nada no primeiro dia. Mas o discípulo não desistiu e visitou o mestre no dia seguinte, e novamente fez a mesma pergunta. Outra vez o Guru não deu nenhuma resposta. Depois que o discípulo o visitou várias vezes e repetiu a pergunta, um dia o Guru fez com que ele o acompanhasse até um lago. Quando ambos estavam na água, o mestre de repente mergulhou a cabeça do discípulo e a sustentou assim por um instante. Quando soltou sua cabeça, esperou que se recobrasse de seu susto e perguntou: ‘O que você sentiu?’ ‘Senti como se fosse morrer e anelava por um pouco de ar.’ Deve-se desenvolver esse tipo de amor por Deus, então Ele não pode deixar de se revelar ao devoto.

Há um canto de um santo de Bengala que expressa esse

sentimento.

*Clama por tua Mãe Shyama com verdadeiro clamor, ó mente!
E como pode Ela esquivar-Se de ti?
Como pode Shyama não aparecer?
Como pode tua mãe Kali Se manter afastada?*

*Oh, minha mente! Se tens fervor, leva a Ela uma oferenda
de folhas de bel e flores de hibisco;
Põe a Seus pés a tua oferenda
E misture com ela a fragrante pasta de sândalo do Amor.*

Estas não são meras palavras, mas a expressão da experiência que esse santo teve, por isso é tão categórico em sua declaração. Se temos a firme fé de que Deus é nosso Pai ou Mãe, não podemos duvidar que Ele escuta nosso chamado quando somos sinceros, e nos dá o que pedimos. Porque como disse Jesus: "Que homem há entre vós, a quem se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra? E se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Pois se vós, sendo maus, podeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quão mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que Lhe pedem?" Mas primeiramente temos que sentir essa relação íntima com Deus, se não a sentimos nem tampouco temos essa fé n'Ele, então fica difícil entregarmo-nos totalmente à Sua vontade, mesmo que milhões de vezes repitamos a oração: "Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu."

Somos gente de pouca fé, dirigimo-nos a Deus como nosso Pai ou Mãe, mas não acreditamos nisso completamente; se o fizéssemos, como poderíamos nos queixar de que Deus não escuta as nossas orações? O que acontece é que todo nosso amor e apego ficam distribuídos entre os parentes – esposa e filhos –, amigos e objetos do mundo. Não sobra quase nada para dar a Deus, e o pouco que queremos oferecer parece muito para nós. Vamos reiterar a palavra "queremos", pois realmente não Lhe damos, porque o pouco tempo que dedicamos às orações passamos pensando em coisas deste mundo e tentando solucionar não somente os problemas pessoais mas também os alheios. Com essa mente, com esse tipo de devoção, como poderemos esperar alcançar Deus? Como poderemos vê-Lo? Ao Senhor temos que dar todo o nosso amor, porque não existe ninguém no universo mais querido e mais próximo que Ele. É nosso Ser mais íntimo, Alma de nossa alma. Temos que gravar essa idéia em nossa mente para que possamos verdadeiramente amá-Lo, fundir nosso mais terno sentimento n'Ele. Somente quando pudermos querê-Lo assim, poderemos dizer que estamos clamando por Ele verdadeiramente.

Nos Vedas se diz: "Oh, Senhor, clamamos a Ti como a vaca que muge pelo bezerro." Os que presenciaram essa atração da vaca pelo bezerro, perceberam sua força. A devoção que não desperta esse tipo de

amor não nos leva a Deus, ainda que aqui tenhamos título de pessoa espiritual ou religiosa.

Mas como desenvolver esse tipo de devoção? Sri Ramakrishna sugere que se deve viver na solidão de vez em quando, afastado dos familiares e de suas preocupações, e praticar as disciplinas espirituais. Aconselha também viver na companhia dos seres avançados espiritualmente, pois é difícil seguir um caminho se não se encontra um exemplo vivo. A mera teoria não pode satisfazer ao homem. Vendo a vida de abnegação em sua frente, lhe é possível compreender que Deus não é um mito e que os que dedicam sua vida para tentar chegar até Ele não são tontos ou loucos. Porque na companhia de um verdadeiro santo se sente uma paz que não é deste mundo. Desvanecem-se, pelo menos nesses momentos, as dúvidas sobre a vida espiritual, da existência de Deus e coisas semelhantes. Cantar o nome e glórias de Deus é a terceira ajuda neste caminho. Supostamente todas estas ajudas nos são de grande valor se possuímos desapego e discernimento, se podemos discernir entre o que é Real, Eterno e o que é irreal, perecível e transitório. Quando se está capacitado em distinguir o que é bom do que é mal para sua vida espiritual, adquire-se o desapego.

Agora sim, pode-se perguntar “Por que alguns conseguem êxito na vida espiritual em pouco tempo, enquanto outros nunca o conseguem nesta vida?” Os hindus acreditam que esta não é a única vida do ser humano, que passam várias vezes pelo nascimento e que cada vez que vem à terra os seres tentam se elevar mas nem sempre conseguem. Sem dúvida, tanto o bom como o mal que se praticou deixa um respectivo selo na mente e este forma as tendências inatas, quando voltam a nascer. Quem se esforça para chegar à meta, mas devido a fraquezas resvala de seu estado elevado, quando volta a nascer, traz consigo todos os méritos adquiridos e começa dali; conseqüentemente, ao que faltava pouco para chegar à meta, consegue êxito em pouco tempo nesta vida. Sri Ramakrishna ilustra isto com um exemplo bem familiar: “A verdade é que um homem consegue bastante êxito por causa das tendências herdadas das vidas anteriores. A gente pensa que ele o alcançou de repente. Um homem bebeu uma garrafa de vinho até o amanhecer, com a qual ficou completamente embriagado. Começou a se comportar indevidamente. As pessoas se assustaram ao ver que ele ficou embriagado a tal ponto tomando somente um copo de vinho. Mas outro homem lhe diz: ‘Por que você está assombrado? Ele esteve bebendo durante toda a noite.’”

Nenhum esforço para o bem é em vão, tudo se acumula e nos ajuda em nossa vida. Portanto, vamos continuar nos esforçando, mesmo que às vezes deslizemos no caminho. Com perseverança e pela graça de Deus chegaremos à meta.

Que o Senhor misericordioso nos abençoe para que possamos desenvolver o amor puro aos Seus pés e para que tenhamos a visão d’Ele antes de nos despedirmos deste mundo!